

Texto de Apresentação do Livro “A cor das cerejas”

Título

“Histórias paralelas e coincidências inusitadas em honra de alguém muito especial que está em fim de vida”

Este é o terceiro livro que apresento publicamente e, confesso, com um sentimento algo peculiar que procurarei tornar perceptível no decorrer da leitura do texto que decidi escrever. Se os dois precedentes foram também da autoria de colegas de profissão que muito prezo (Mário Moura e Mário Carqueijeiro) bem conhecidos em Setúbal, a temática deste e as circunstâncias que rodearam o inerente trabalho preparatório à sua apresentação, justificam plenamente aquele epíteto, como estou certo que o irão poder constatar.

O seu autor, foi a personalidade médica que escolhi para fazer a apresentação do meu último livro, *“Reflexões em tempos de pandemia”* em Setúbal, em pleno interregno dessa terrível infeção que assolou o Mundo de súbito em finais de 2019 e da qual não nos livrámos ainda completamente. Como poderia, então, haver lugar à recusa de tal recíproco convite, por mais compromissos que tivesse? Para além do mais, porque ambos escolhemos por várias vezes, como coapresentador, o nosso ilustre filósofo sadino, Soromenho Marques, que aqui hoje também me acompanha nestas funções, tendo nós previamente acordado que me secundaria.

Esse meu livro, teve uma história que me marcou muitíssimo. Foi o facto de o ter terminado de escrever numa altura em que a minha filha Joana passou por um horrível sofrimento, felizmente passageiro, ao ponto de a sua situação de saúde ter passado a ser, naturalmente, a minha principal preocupação diária durante esses inesquecíveis e infindáveis dois meses. Final que celebrámos condignamente na data do seu próprio aniversário, minutos depois de ter feito, aquela que viria a ser, sem o saber, a última visita ao doente que foi o seu protagonista. Ser Médico e Pai, é um papel do qual jamais nos podemos abster de estarmos investidos de corpo inteiro. Esta a razão que justificou ter-lhe dedicado o Livro e feito um sentido agradecimento a todos os colegas que a trataram, rol extenso que incluiu também o meu colega e amigo Jorge Paulino. Para além disso, foi como que um reeditar daquilo que já tinha passado, cerca de três décadas antes, quando a minha esposa e colega, a Ana, aqui presente, na altura em que os meus filhos tinham tenra idade, teve uma doença de índole semelhante e foi submetida a nove cirurgias no espaço de ano e meio. Em ambos os casos, o que contou verdadeiramente, foi nunca termos perdido a esperança na cura e a confiança nos colegas que as trataram.

Sendo suposto abordar sobretudo o conteúdo da obra em si mesma, perdoem-me sentir a necessidade de focar também tudo o que rodeou o trabalho que desenvolvi e o que me foi aflorando à consciência, dado que só assim conseguirei cabalmente transmitir o que sinto.

Tanto mais, porque, para além do valor literário intrínseco de um qualquer livro, este também vale, e, muito, na minha perspetiva pessoal, pelo que suscita de reflexão ao seu leitor. Para além de que, ser apresentador, obriga a que o exercício de leitura seja muito mais aprofundado do que o habitual. E, fazê-lo a alguém a quem estamos ligados por laços de amizade desde há mais de meio século, ainda muito mais.

Se, na verdade, nunca fomos propriamente íntimos, o Jorge e eu partilhámos, ao longo das nossas vidas de mais de seis décadas, alguns momentos marcantes que gostaria de enfatizar. Primeiro, o facto de termos iniciado o internato complementar de especialidade no mesmo dia e no mesmo Hospital, o Pulido Valente, embora, logicamente, cada um de nós, no correspondente Serviço da respetiva especialidade. Eu, no de Medicina Interna. O meu amigo, no de Cirurgia Geral. Tivemos um contacto muito estreito durante o primeiro ano, onde partilhámos diversos doentes e discutimos multidisciplinarmente vários casos clínicos mais curiosos ou difíceis, designadamente durante os períodos das Urgências Internas do Hospital que realizávamos em paralelo, mas ambos sentimos que o nosso futuro profissional não iria passar por ali. No meu caso, procurei diferenciar-me noutras áreas, tais como a Oncologia, o Intensivismo e a Infeciologia. No do Jorge, este acabou por ir parar à área da Cirurgia hepato-biliar e pancreática, tal como aos Transplantes. Eu, voltei para Setúbal ao final de três anos, por motivos familiares. O Jorge, rumou ao Hospital Curry Cabral, onde eu também estivera durante mais de dois anos.

Outro dos momentos que nos marcaram a ambos, foram os encontros da Turma F e de alguns “penduras” mais (eu era da Turma G do Liceu Nacional de Setúbal e sempre recebi tal honroso convite). Estes eventos contavam sempre com a presença de dois memoráveis Professores: o de Filosofia, Ochoa de Castro, que também era poeta, e, o de matemática, Joaquim Calado, pai de um nosso colega nefrologista. Vim a prestar-lhe os últimos cuidados no seu final de vida, no Serviço de Urgência do Hospital de S. Bernardo, onde era, nessa altura, o seu Diretor. Relembrávamos sempre alguns episódios mais marcantes, fruto da nossa saudável e incorrigível irreverência e que decorreram no ambiente anarquizante que reinou no pós-revolução de 1974, que será impossível de jamais esquecermos. Na minha memória ficou o facto de ter liderado a Comissão de Greve em plena era do Governo de Vasco Gonçalves, tendo sido ameaçado de ser preso e de ficar impedido de me matricular futuramente na faculdade, para além de ter estado iminente a invasão do exército para por cobro a esse movimento estudantil de âmbito nacional, tendo Setúbal sido o último “bastião” a cair. Movimentação que contou com o amplo apoio da grande maioria dos professores, onde se incluíam os dois já referidos e a mãe do Jorge também.

Termino este rebuscar das nossas memórias, lembrando os momentos que vivemos quando frequentámos o denominado Ano Cívico, dado que as faculdades ficaram encerradas durante esse período. Realizámo-lo no Hospital de Setúbal, porque supostamente queríamos ser médicos e aí nos colocaram para aprendermos uns rudimentos do trabalho de enfermagem, a par das Reuniões sobre “Organização Hospitalar” promovidas pelo saudoso Professor Gil da

Costa, que vim depois a encontrar no 3º ano da Faculdade, em circunstâncias dramáticas, dada a doença que o acometeu e vitimou ter sido muito parecida à que viria a causar a morte do meu próprio pai, alguns anos depois.

A razão por que escrevi este texto e não vim aqui falar de improviso, como o fiz das outras duas vezes, tem sobretudo a ver com o facto de não querer defraudar a gentileza do convite que o meu amigo me fez, uma vez que, ao ser escrito, poderia ser sempre lido por uma outra qualquer pessoa, inclusive pelo autor da obra. A presença da minha colega Cristina Pedrosa, Pediatra especializada em Cuidados Paliativos e estudante de Doutoramento em Bioética que convidei a estar presente e com quem tenho mantido uma saudável tertúlia sobre os aspetos mais importantes do exercício profissional e dos seus fundamentos, teve a ver com a vontade de salvaguardar essa eventualidade, o que penhoradamente lhe agradeço, pois sei do seu grande interesse nestas matérias.

Na base desta opção está o facto de a minha Mãe estar muito doente, o que me impedia, como avisei atempadamente o Jorge Paulino e o Soromenho Marques, de dar a garantia prévia de aqui poder vir. Mas, quis o acaso que pudesse cá estar de corpo e alma, e, com muito gosto. Atitude idêntica tomei, quando a Ordem dos Médicos agendou a cerimónia de apresentação do livro *“A Relação Médico-Doente”* de que fui editor e coautor, para o dia seguinte a regressar de um período de duas semanas de férias, durante o qual visitei a Jordânia e Israel, pois coloquei na minha filha Joana a responsabilidade de ler o meu discurso, acaso houvesse, como esteve iminente, algum imprevisto com a viagem de regresso.

Escrever e editar livros não faz de um autor, seja ele quem for, segundo o meu padrão de avaliação, automaticamente um escritor, e, muito menos, um romancista. Escritor é o Jorge e com futuro que auguro auspicioso, ao passo que, eu, serei, quando muito, um simples pensador e um dedicado repórter do drama humano que rodeia a saúde e a doença, a par de um pretenso conhecedor amador da História e de adorar conversar e relembrar episódios que vivenciei. Mas, não um escritor romancista na verdadeira aceção da palavra. Embora o romance histórico te há sido um dos meus géneros favoritos enquanto mero leitor, confesso que jamais seria um escrevinhador de histórias desse género, por inata e manifesta incapacidade intrínseca. Esta nossa acentuada diferença, está bem corporizada no perfil dos protagonistas de ambos os livros.

No meu, trata-se de um homem no início da época madura da sua vida, arquiteto e engenheiro civil, mas ainda com muitos planos pela frente, quer de índole pessoal, quer no âmbito profissional, que foi tolhido de chofre por uma terrível doença neurológica degenerativa rapidamente evolutiva, que o deixou, em poucos meses, completamente inerte e incapaz de apreciar algo mais do que a companhia das pessoas mais significativas que lhe atenuavam, com a sua solidária presença e carinho, o terrível sofrimento provocado pela consciência plena de uma morte inexorável (e “injusta”!!!) a curto prazo, que o impediria definitivamente de concretizar os seus naturais anseios, que incluíam o projeto de um livro, escrito a meias com a sua companheira e intitulado *“A arquitetura do Amor”*, que estava em preparação quando

adoeceu. O que estaria, certamente, nos antípodas do seu imaginário pouco tempo antes. Eu, fui uma delas, sobretudo por tê-lo acompanhado em longas conversas, sem qualquer espécie de barreiras, deixando fluir as ideias e os sentimentos expostos com toda a transparência e naturalidade, de uma forma empática e humana, embora, também, porque o fiz descobrir o poder imenso da música que tanto o impressionou e passou a apreciar, ao ponto desta vir a constituir um dos mais eficazes paliativos que disfrutou até perto do final da sua vida.

Ao passo que, a do Jorge, estou convicto, é uma mulher completamente ficcionada, jovem, esbelta e decidida, que se emancipou do seu pai, pouco depois de ter ficado órfã de sua mãe, em pleno teatro de guerra aos 19 anos de idade, pronta para viver o que o destino decidisse vir a presenteá-la, tendo experienciado, a um ritmo alucinante, as mais variadas aventuras, deste as mais arrebatadoras paixões, até àquelas que a poderiam ter colocado na iminência de atraiçoar o sua dignidade pessoal, a par das que a fizeram sentir a extrema vulnerabilidade de própria vida. Tudo, imbuído da mais pura ingenuidade e da uma vontade férrea em perseguir os seus ideais sem medir as possíveis nefastas consequências imediatas ou a prazo, para além de ter feito todos os possíveis para retirar da prisão o irmão da sua mãe, um prestigiado prelado católico parisiense, detido nos calabouços à ordem dos seus companheiros revolucionários.

Uma outra característica, que suponho nos diferencia, é que eu escrevo compulsivamente e de rompante, como agora o fiz, por algo que me ter tocado as profundezas do espírito e a mente de modo impactante, como aconteceu durante a pandemia, pois tal iniciativa, foi, nesse momento, acima de tudo, a maneira imediata e intuitiva que encontrei, para escapar ao catastrófico colapso psicológico indesejado, secundário a tão magnânimo evento. Por isso, escrevi sobretudo para mim, vindo a vontade de partilhar o resultado desse desabrochar da alma com outrem, apenas depois. Ao passo que, especulo, o meu amigo, o faz de forma metódica e refletida para os seus leitores, entretendo-se a investigar fontes históricas, a tecer diálogos e a construir ambientes que permitem caracterizar adequadamente os personagens que se vão sucedendo no enredo, não sendo por acaso, admito eu, que escolheu uma mulher para protagonista, talvez como forma indireta de homenagear a figura de sua adorada mãe, ou, quem sabe, de uma filha ou de uma ex-companheira de amores, pois sei que irmã não tem.

Sendo este o primeiro livro que leio do Jorge, e, sobretudo, pelo facto de só o ter feito agora porque mo pediu nas circunstâncias que atrás descrevi, confesso que fiquei rendido pela forma e algo surpreendido com a temática. Aliás, o autor apresenta-se com apreciador do cinema e do jazz, tal como um interessado na política, o que constitui uma coincidência entre as nossas duas pessoas, que, embora, portadoras de personalidades distintas, estão ambas certamente imbuídas do culto dos verdadeiros valores civilizacionais que herdámos e que gostamos de transmitir aos outros, o que nos fez sermos Médicos e escrevermos sobre o que nos vai nas profundezas do pensamento, sem quaisquer desajustados subterfúgios.

Se, todo o livro, é, na sua essência, de índole autobiográfica, penso que este não escapa à regra, embora de forma algo dissimulada, pois o facto de se situar na capital de França e de ter muitas descrições dos seus quarteirões, leva-me a especular, uma vez mais, que terá certamente

sofrido a influenciado da figura tutelar de sua mãe, a saudosa Dr^a Auzenda, minha antiga professora de francês e primeira leitora crítica, e, certamente, empolgada, dos dois anteriores livros que publicou, como já o ouvi confessar publicamente certa vez. Adivinho, não sei se apenas fruto do meu imaginário, que a mesma lhe terá mostrado Paris na infância ou na adolescência. Nação cuja língua, cultura e capital marcaram a nossa educação e o nosso país de modo indelével, até que o *rock&roll* fez do inglês o novo e verdadeiro Esperanto dos tempos modernos. Cidade onde já estive por diversas vezes, embora nunca por iniciativa de meus pais, mas antes na companhia de amigos, de colegas e de familiares, quer como plataforma de acesso ao resto da Europa aquando dos três *interrails* que fiz, na famosa gare de Austerlitz, quer para a mostrar aos meus filhos, no início da sua adolescência.

O livro tem uma trama bem urdida de factos e de personagens reais ficcionadas, como é próprio deste género literário, mas não se cinge apenas a essa redutora condição. Corporiza, também, um convite irrecusável a saber-se ler nas entrelinhas, pois abordando o fértil, mas curto período da Comuna de Paris, que rondou dois meses, são patentes os paralelos que podemos reconhecer, aqui e ali, com a Guerra Civil Espanhola, com a Revolução do Cravos, ou, até com a recente invasão da Ucrânia, acerca da qual organizei uma vigília há quase um ano, publiquei o discurso que li e remeti a todo o corpo diplomático creditado em Portugal, cedi 150 exemplares do meu último livro, cuja venda reverteu integralmente para o acolhimento dos refugiados, e, recebi, na minha casa, durante quase meio ano, uma família que literalmente adotei como minha.

Por tudo isto, considero, afinal, existir mais uma prova, como soe dizer-se, que a História se repete a cada passo, e, por tal, esta obra ser, também, um reflexo interpelante da essência da condição humana. É que, em todas as épocas e civilizações, existiu guerra, intriga, ódio, traição, injustiça, violência, destruição, tortura, corrupção, ganância, ciúme, tristeza, desespero, sofrimento e morte, a par da exaltação dos mais puros ideais imanados da tríade galesa composta pelo lema “*liberdade, igualdade e fraternidade*”, e, ainda, naturalmente, da paz, da amizade, do companheirismo, da solidariedade, da generosidade, da alegria, do amor, da paixão e do respeito pelas obras que brotam do génio artístico dos seus criadores.

O Jorge, como eu, aprecia deixar os seus leitores a refletir nas citações que criteriosamente escolhe, sendo, porém, muito mais parcimonioso. Não foi certamente por acaso que escolheu esta, para iniciar o livro: “*Enquanto um Homem puder morrer de fome à porta de um palácio onde tudo transborda, não poderá haver estabilidade nas instituições humanas*” (disse-o Eugéne Varlin, político revolucionário francês, companheiro de amores de Louise, a franco-portuguesa protagonista do livro).

Nesta altura, penso ser imperativo passarmos a citar o próprio autor (quase todos os excertos que escolhi são ditos pela voz da personagem a quem deu as honras de ser a protagonista), pois do que escreveu, se podem tirar belas e profundas citações que, quem sabe, farão, um dia destes, parte dos múltiplos dicionários do género que pululam na *internet*, o que muito nos diz do seu carácter enquanto pessoa:

- *“A revolução pode chegar a devorar os seus filhos, mas não se pode devorar a si própria... Tem sempre, tanto de belo como de demoníaco. É feita de Homens para os Homens. Que estes a mereçam”*;
- *“Uma revolução não sobrevive sem firmeza, mas uma coisa é a firmeza, e, outra, o despotismo”*;
- *“Oxalá os Homens saibam aproveitar o que de generosidade e de humanismo exista nesta revolução, em vez de ódios e de injustiças que inevitavelmente irão surgir um pouco por todo o lado”*;
- *“Vês tudo a preto e branco. Os pobres contra os ricos, os bons contra os maus, a virtude contra o pecado”* (disse a Louise, uma prostituta com quem partilhou um quarto, e que veio a descobrir depois, ser mãe de seu um meio-irmão, facto que o seu pai sempre lhe ocultou);
- *“O mais importante da vida são precisamente as pessoas e o amor que sentimos por elas... Amo o futuro, um sistema mais justo em que todos possamos ser tratados de forma mais humana e mais imparcial para todos”*;
- *“Já não sei quais são os meus ideais, se é que alguma vez os tive... Esta revolução foi sonhada por Homens de bem que ousaram ir mais além, amando os cidadãos, respeitando as mulheres, protegendo as crianças”*
- *“Agora percebo que não há os bons contra os maus. Não há sistemas perfeitos porque simplesmente são pensados e levados a cabo por Homens que também o são. Há bem e mal em todo o lado. Agora compreendo”*;
- *“Era um final sem glória de um sonho glorioso... O meu pecado foi pensar que os fins justificam os meios”*;
- *“Não seria legítimo evitar mais um sacrifício estúpido de vidas humanas por uma causa completamente perdida?”*

Enfim, de modo resumido, poderá dizer-se que se trata de uma biografia com o cunho marcadamente pessoal do Jorge Paulino, da época mais turbulenta da cidade que era a capital cultural e política do Mundo na segunda metade do século XIX, até ceder esse cetro a Viena de Áustria, na viragem para o século XX, cidade natal de um valioso naipe de figuras da ciência e da cultura jamais igualado em tempo ou local algum, como tão bem o demonstrou em *“The age of the insight”* o neurocientista e Prémio Nobel da Medicina no ano 2000, Eric Kandel, natural da mesma. Cidade que já visitei por três vezes, tendo de lá saído sempre maravilhado e interiormente enriquecido.

Na primeira delas, pontificaram os denominados enciclopedistas do iluminismo, como Diderot, d’Alembert e Voltaire, pontualmente coadjuvados por Ribeiro Sanches, que, vindo de São

Petersburgo, onde foi médico do exército e da própria czarina, acabou por se fixar em Paris nessa época, e aí faleceu em 1763 (nas vésperas dos acontecimentos descritos no livro). Este último, note-se, foi um dos maiores expoentes da mais notável geração de médicos que a Nação Lusa jamais teve e que nunca foi devidamente destacada na globalidade até ao presente, provenientes, quase todos, da diáspora sefardita portuguesa. Enquanto, na segunda, pontuaram, Freud, Klimt e Mahler, entre muitos outros génios da Humanidade. Pódio que foi posteriormente ocupado por duas outras cidades que devem merecer aqui, também, destacada referência.

Primeiro, Londres, que visito com regularidade e onde me deleito sempre com a sua pujante vida cultural, dado que o meu filho para as suas imediações emigrou, aí trabalhando e vivendo desde há cerca de seis anos na companhia da sua esposa Sara, tal como muitos milhares de nossos compatriotas o têm feito ultimamente, simplesmente porque não conseguem, no seu país natal, realizar-se minimamente enquanto profissionais e cidadãos. É um dos mais notáveis exemplos, da lenta, mas inexorável agonia do nosso País, tal como acontece com o melhor serviço público que emergiu do 25 de abril, o SNS, mau grado o persistente estado de negação das autoridades (supostamente) responsáveis que nos têm governado no último quarto de século.

E, por fim, Nova Iorque, presentemente, a indiscutível cidade cimeira da nossa civilização, por tal, sede da ONU. Estatuto que é fruto da maior miscelânea de povos e de culturas jamais concentrados em qualquer uma outra e que a fizeram ser assim desde os finais do século XIX, como tão bem está retratado no seu imperdível Museu da Emigração, tal como eloquentemente lavrado para a posteridade num poema de Emma Lazarus (também uma descendente da diáspora sefardita portuguesa), transposto para a pedra no sopé da estátua da Liberdade, oferta dos franceses à emergente Nação Americana. Cidade onde pontificaram, só para falar no campo musical, os irmãos Gershwin, Cole Porter, Jerome Kern, Irving Berlin e muitos outros compositores do riquíssimo cancionário norte-americano, muitos deles oriundos daquele movimento migratório sem par, que tanto abrilhantavam os espetáculos da Broadway, a que já assisti, como serviram de inspiração a inúmeras gerações de músicos de Jazz, onde se destacaram, entre muitos outros, *Louis Armstrong, Ella Fitzgerald, André Previn, Oscar Peterson*, etc., de quem possuo milhares de diferentes versões em CDs.

Cidade que seria imperdoável que a não tivesse já visitado, tal como sei que o Jorge o fez, e, onde, de facto, estive por diversas vezes, uma das quais verdadeiramente impossível de esquecer, não só pela vertiginosa sucessão de visitas a monumentos, a museus e a clubes de blues e de jazz, mas sobretudo por ter ficado ligada a uma outra doença que atingiu gravemente a Ana, despoletada, quiçá, por um avassalador acumular de *stress* emocional que se seguiu à morte do seu pai, o que me faz hoje admitir que, se, acaso, tivesse podido buscar refúgio na escrita, talvez tivesse dissipado essa enorme carga de energia negativa, e, eventualmente, desse modo, livrado de tão terríveis consequências. Este meu texto é, assim,

também, a concretização dessa espontânea estratégia de notável valor terapêutico sem qualquer custo ou iatrogenia significativas.

Nova Iorque será, certamente, por tudo o que representa, o cenário ideal para o próximo livro do Jorge, que terei imenso prazer de ler, à semelhança do que fez Woody Allen ao transportá-la para o cinema há alguns anos. Aqui fica o repto, pois sei que ama o jazz tanto quanto eu e aquele mesmo realizador, ele próprio um afamado clarinetista do género *New Orleans style*, pois tudo o que rodeia o *bas fond* desse mundializado fenómeno criativo sem rival, será certamente um belíssimo motivo de inspiração. O meu amor a este tipo de género musical materializa-se, contudo, de um modo bem mais modesto, ficando-se pelo simples facto de ser um melómano e um colecionador inveterado, bem como por ter querido dar-lhe corpo, ao ter colocado o nome de Ray Charles e de Helen Merrill ao casal de cães que fui buscar há cerca de um mês ao “Cantinho da Milu”, afamado e humanizante canil que possui mais de sete centenas de animais, precisamente na semana em que o Jorge me foi lá a casa entregar o seu livro. A verdade é que o fiz por jamais ter esquecido o extraordinário filme biográfico sobre a personalidade do primeiro e por muito apreciar o seu estilo musical, tal como o memorável espetáculo que ouvi da segunda, no *Dizzy Coca Cola Jazz Club*, que fica situado por cima do *Jazz Lincoln Center*, onde também estive depois, e cuja parede do palco era feita de vidro, o que permitia ter uma vista soberba sobre a cidade enquanto jantava e ouvia, deleitado, a voz suave e insinuante da cantora, com a estátua de Cristóvão Colombo lá em baixo numa praça adjacente.

Esta, uma enigmática personalidade que me tem apaixonado tanto que, a nossa “filha adotiva americana”, como costumava designar a *Eileen Daly*, me chamava de “Pai Colombo”, por andar sempre a ler livros sobre o mesmo, durante o ano em que estudou em Portugal, no mesmo programa internacional de intercâmbio de estudantes que permitiu aos meus dois filhos o fazerem também, alguns anos antes, na terra do Tio *Sam*, na casa dos Drooger situada no Estado do Michigan, de quem nos tornámos imensamente amigos, ao ponto de nos termos visitado mutuamente por diversas vezes, designadamente aquando das cerimónias de casamento dos meus dois filhos. A do João, em Portugal, e, da Joana, em *Grand Heaven*, que decorreram no curto espaço de menos de dois meses. Jorge, meu querido amigo: quero informar-te que não cobrarei mesmo nada por este mote, se a tua fértil inspiração o quiser vir a utilizar.

Mas, regressemos novamente ao âmago do livro, focando sucessivamente três outros aspetos que considero mesmo fulcrais. Em primeiro lugar, é de assinalar a constatação de que a turbulência que aí se vivia e que tão bem se descreve, curiosamente, coabitava com uma aparente e temporária normalidade do quotidiano, fazendo-nos lembrar que, tal como na vida real, os opostos podem coexistir no mesmo local, no mesmo tempo histórico, numa mesma sociedade ou família, e, até, numa mesma pessoa. Tudo se desenrola num pano de fundo onde pontifica uma notória atração pela ilusão das utopias, a par do já clássico anticlericalismo tão típico das convulsões políticas que precipitaram alguns dos maiores conflitos bélicos na longa

história da Humanidade e que o tiveram muitas vezes como mágica ignição. No que aqui é abordado, como já aconteceu antes com frequência, a consciência da realidade foi-se impondo ao sonho defraudado de algo que se imaginou indestrutível e perene de início, mas em que o crescimento progressivo de uma inevitável clarividência, permitiu finalmente avaliar os fenómenos sociais com mais distanciamento e objetividade.

Um outro aspeto que pretendo sublinhar, tem a ver com a sexualidade e os locais onde era exercida, na cidade das luzes, a dita “*mais antiga profissão do mundo*”, que aqui assumiu uma identidade muito própria, talvez só tendo paralelo com o que se passou em Berlin, o que ficou imortalizado na figura incontornável da eterna diva do espetáculo de *cabaret*, *Marlene Dietrich*, coincidentemente, nascida na capital imperial da Prússia e falecida na cidade onde o livro do Jorge maioritariamente se passa. Ali existem referências a figuras da banca internacional (da celeberrima e poderosíssima família dos *Rothschild*), assim como alguns expoentes do impressionismo francês, tais como *Eugene Boudin* e *Gustave Courbet*, sendo um facto histórico conhecido, como se diz no livro, que este último protegeu do voraz e iníquo vandalismo, o próprio Museu do Louvre.

Naquele *cabaret*, também se divertiam, lado-a-lado, supostos inimigos, protagonistas, no campo de batalha da Guerra Franco Prussiana, porque o que ali os unia, era, nesse momento, muito mais importante do que o que os separava umas horas antes, ou separaria na manhã do dia seguinte. O que é uma alusão muito pertinente à forma como a política, muitas vezes é conduzida a partir dos ocultos e tenebrosos bastidores onde se movimentam os detentores dos órgãos do Poder de todos os tempos, regimes e nações. A par do sexo, nesse luxuriante ambiente, pontuava também a música e a comida mais exótica, acompanhada pelos néctares vínicos mais raros, o que contrasta francamente com o confortável, mas despretensioso ambiente que disponibilizo aos meus hóspedes, nos dois confortáveis apartamentos da Carmo's Residence que foram restaurados com muito carinho, pois pertenceram aos avós da Ana e ali nasceu a sua mãe, tendo servido para acolher dois colegas de forma completamente gratuita durante alguns meses da presente pandemia, o que foi um generoso contributo que quis dar à luta sem tréguas que era imperioso não perder.

Estaria a frequentar, nessa altura, a escola primária em Albi, onde nasceu, o genial pintor francês, *Henri de Toulouse-Lautrec*, aquele que melhor pintou esses inebriantes ambientes, ou seja, simultaneamente sórdidos e inspiradores. Artista plástico que viveu no seu seio grande parte da sua curta existência, após ter ido estudar para Paris e que ficou conhecido também pelo seu aspeto assaz dismórfico e inconfundível, sabendo-se hoje que padecia de uma forma de picnodisostose (uma rara doença geneticamente determinada que provoca malformações ósseas bem visíveis). Aí veio a contrair, como seria expectável, a sífilis, enfermidade de natureza infecciosa e de transmissão sexual que pulava por toda a Europa de então e que não poderia ter deixado de merecer uma breve, mas significativa referência no livro. Ainda hoje está envolta em acesa polémica, se foi ou não Colombo que a trouxe do Novo Mundo para cá.

Era ainda adolescente, nessa mesma época, o maior expoente da pintura norueguesa, *Evard Munch*, que chegou a Paris pouco tempo depois dos factos relatados, autor dos dois mais pungentes registos pictóricos daquela mítica doença, que se crê tê-lo afetado também, e que consistiram em duas telas onde se podem observar duas crianças muito pequenas, nuas ao colo de suas respectivas mães, completamente deformadas pela transmissão transplacentária do *Treponema Pallidum*, como era comum então acontecer, antes da invenção da penicilina.

Quando, uma certa vez, tive a oportunidade de ver uma radiografia simples da bacia da minha Mãe, verifiquei, surpreendido, que estava cravejada de imagens de natureza metálica incrustadas nos seus músculos glúteos de ambos os lados. Apurei, depois, através de informações fornecidas pela Margarida, a sua irmã mais velha, falecida há poucos anos, que todas as quatro filhas do meu avô materno, por iniciativa do médico assistente da família na aldeia onde viviam, nas imediações de Vila Nova de Gaia, tinham sido injetadas várias vezes com um medicamento baseado em sais mercuriais durante o período da 2ª Guerra Mundial, no intuito de prevenir que viessem a ter filhos nas deploráveis condições físicas e mentais tão chocantemente retratadas nas referidas telas a que já aludi, tendo em consideração a fama (e o proveito...) do seu pai ser um indefetível mulherengo e, admito eu, o mesmo clínico o ter hipoteticamente tratado antes de idêntica pestilência. Não sei se por isso, mas o que é certo é que nenhum dos filhos e netos dos meus avós, felizmente, ficou com qualquer marca desse mal, embora desconheça, ao certo, se a minha avó foi, alguma vez, sujeita à mesma terapêutica, embora seja de admitir que sim.

Um pormenor muito curioso merece ainda uma alusiva referência. Quando estava a ler estas passagens do livro, encontrava-me no meu escritório a ouvir música, como invariavelmente o faço quase todas as noites até madrugada dentro, a trabalhar nos meus infindáveis compromissos, quando a Ana aí entrou de rompante, na companhia do nosso cão, *Ray Charles*. Certamente que impressionada pelo que escutou, virou-se para ele e perguntou: “*Então Ray, gostas da música do dono?*”. Claro que a resposta não foi dada como se de um humano se tratasse, mas o que é certo, é que o *Ray* me veio cumprimentar com o seu ar interpelante, à procura de um mimo, gesto que nunca lhe nego.

A coincidência espantosa, é que estava precisamente a ouvir, deliciado, uma soberba interpretação adaptada da opereta de *Cole Porter*, intitulada “*The New Yorkers*”, onde se incluem as intemporais canções “*I Love Paris*” e “*Love for Sale*”, no CD com este último nome, da autoria do grupo britânico “*Tiger Lillies*”, atual expoente máximo da música de *cabaret*, a par da germânica Ute Lampert, a nova diva internacional e a melhor intérprete vocal viva do grande Kurt Weill, de quem tenho inúmeros CDs e que tanto aprecio. Tal como diz Louise no livro, “*porque só o que nós amamos, prevalece*”, eu clamo que amo a Ana, os meus filhos, os meus netos, a minha mãe, o meu irmão, a minha família, os meus amigos, os meus cães, a música, a pintura, o cinema, a literatura e as viagens, tal como amei o meu pai, os meus sogros e a minha tia, infelizmente já falecidos, só para citar o que refiro de mais significativo neste mesmo texto, sentimento que pretendo transmitir quando sou anfitrião e presenteio os meus

convivas com o que improviso na cozinha, porque isso é, também, uma forma de dar amor, e, o Jorge e o Soromenho Marques, já foram, numa ocasião muito especial, disso testemunhas.

Uma outra inexplicável coincidência, diz respeito ao facto de ter aprovado na semana a seguir ao repto que o Jorge me lançou, na generalidade, ainda sem conhecer minimamente o tema do seu livro, aquilo que irá ser ratificado na especialidade já na próxima semana pela LACPEDI (Liga de Apoio Comunitário ao Estudo das Doenças Infeciosas) do Serviço de Infeciologia que dirijo no Hospital onde trabalho há quatro décadas, instituição que outrora teve como Diretor pai do Jorge, durante alguns anos, também ele cirurgião geral e que ainda tive a oportunidade de bem conhecer.

Concretizando, dado ter assumido que me iria aposentar no decurso deste ano, senti a obrigação de incluir no seu Plano de Ação para 2023, uma séria de iniciativas que terei que desencadear até à data da minha reforma e que passam por, entre outras que a seu tempo irão ser do domínio público, um *Simposium* sobre Coima, intitulado “*Da História à Medicina- Uma realidade que importa divulgar e debater*”. Para quem me conhece minimamente, sabe que, tendo nascido no Porto e vivido na Serra da Estrela e em Alcácer do Sal, antes de vir para Setúbal, morei naquela aldeia dos 4 aos 22 anos de idade, precisamente o período mais importante da formação de qualquer pessoa e do qual se guarda plena memória.

O que pretendo com esta inusitada realização é, para além de discutir abertamente o fenómeno da prostituição e das doenças de transmissão sexual em todos os seus principais aspetos, chamar a atenção que essa localidade, para além da degradante realidade que se vive a céu aberto no pinhal que a rodeia, sem qualquer recato, higiene ou dignidade, como é sobejamente conhecido, ficou arrasada pelo Terramoto de 1755, razão que fez cair no esquecimento do cidadão comum, a sua enorme importância histórica.

No fundo, trata-se de permitir que, ficando registado em livro, essa iniciativa sirva de motivo para a preservação de alguns importantes vestígios arquitetónicos já degradados e que ameaçam cair definitivamente por terra, fruto de um outro cataclismo que não o de um tremor de terra, mas antes, pelo esquecimento e a incúria indesculpável do poder político local e nacional. Como é óbvio, embora muitas mais histórias pudesse contar agora acerca de tudo o que se relacionou com aquela realidade vivenciada na adolescência, esta decisão foi potenciada pelo facto de ter a especialização médica que tenho, o que, confesso, embora tenha a consciência que poderá deixar muita gente atónita, para mim, é um verdadeiro imperativo de cidadania com que sonho há muito e que só espero levar a bom porto em abril do próximo ano. Iniciativa para o que estão convidados, desde já, todos os presentes.

Por último, irei abordar o terceiro e derradeiro aspeto a que já fiz referência anteriormente, porque o considero o mais importante do livro, tal como o que pretendo colocar á vossa consideração depois, fruto da analogia conseqüente às reflexões que fui fazendo durante a semana em que estive detido a ler, tal como da seguinte, que terminou esta manhã, em que estive a organizar as ideias e a escrever. O que quero transmitir é que considero que acima de

tudo, o livro que o Jorge escreveu é um hino à incessante procura da felicidade e do prazer na vida, quer da dos seus principais personagens, quer, de uma forma mais difusa e indireta, da da própria sociedade retratada, o que ficou bem evidenciado quando o seu autor explica o significado do título que escolheu para a obra. As cerejas, por coincidência um dos meus frutos preferidos, como aí vem explicitado, têm uma cor que ali não representa o sangue, como é habitual pensar-se de imediato, mas antes a paixão pela vida, tendo sido capazes de matar a fome e a sede, tal como de deliciar os revoltosos em momentos onde nada mais havia para confortar o estômago e a alma, para além da vontade férrea em nunca desistir de concretizar os ideais que tão convictamente defendiam.

Numa das derradeiras e mais dramáticas cenas do seu final, quando já restam muito poucos revoltosos que resistissem ao avanço implacável das forças armadas de Versailles, com a complacência e apoio não manifesto, mas efetivo, dos supostamente inimigos do exército prussiano invasor, exclama interrogativamente Eugéne Varlin, o herói revolucionário, à sua amada Louise: *“Porque é que sobrevivi?”*.

Não resisto a traçar dois paralelos que se impõem. O primeiro com o que se passou com Primo Levi, um judeu italiano, engenheiro químico de formação académica e de profissão, transmutado posteriormente em escritor, que relatou a sua experiência no campo de concentração e de extermínio de Auschwitz, ao qual miraculosamente sobreviveu, mas que acabou por não suportar a magnânima e permanente autoculpabilização de aí não ter falecido também, tal como viu acontecer à grande maioria dos que se encontravam encarcerados no meio de uma das mais hediondas criações da Humanidade, ao ponto de, volvidos quase quatro décadas da sua libertação, só a morte (pensa-se que por suicídio) ter conseguido por cobro a tão dilacerante espírito de autodestruição interior que este arrastou por todo aquele tempo e do qual deixou sublime testemunho em diversos livros, destacando eu o que se intitula *“Se isto é um Homem”* que li sofregamente há um par de anos.

O segundo, diz respeito ao que não poderia deixar de ser a forma com que quis terminar esta verdadeira dissertação, não omitindo nada do que não me sai da cabeça e do coração desde há cerca de um mês, por estar a acompanhar diariamente a lenta agonia da minha querida Mãe, que quase me morreu nos braços em plena época natalícia. Senhora de uma rara lucidez e coragem, há muito que me fez jurar que eu não iria interferir na sua decisão de doar o seu próprio corpo à Faculdade de Medicina onde me licenciiei, a quem me fez escrever e remeter uma carta de intenções por si mesma assinada, tendo sido das primeiras pessoas que conheço que lavrou consciente e minuciosamente o seu Testamento Vital.

Obrigá-la, quando está perfeitamente consciente e lúcida, aos mais de 92 anos, já totalmente dependente de terceiros, magríssima, acamada desde o final do ano passado, ameaçando abrir escaras de decúbito qualquer um destes dias, que tem uma artrose da anca contralateral à que foi antes operada, mas agora não passível de idêntico tratamento, por isso tem muitas dores quando faz o mínimo movimento e a impede de andar, ou, sequer de se pôr de pé sozinha sem cair de imediato, tem uma anemia crónica, muito provavelmente secundária a um síndrome

mielodisplásico que nem me atrevi a mandar investigar de forma cruenta, tal como fazer transfusões ou a injetá-la com eritropoietina, por o considerar desajustado, uma vez que esses recursos são necessários noutros contextos e deverão ser administrados antes a outras pessoas que deles possam mais beneficiar, dado não existirem em abundância, uma vez que não tem carência de ferro ou de vitaminas, não ter melhorado com a administração destes oligoelementos, não estar a perder visivelmente sangue por lado nenhum, não padecer de hipotiroidismo ou de qualquer forma de insuficiência crónica de órgão nobre, e de ter ainda muitas outras comorbilidades, tais como uma surdez acentuada que lhe dificulta imenso o diálogo com os outros, apesar de já se ter sido submetida a duas intervenções cirúrgicas e de não se adaptar às próteses auditivas, que rejeita, ser uma sobrevivente de uma neoplasia da mama operada há cerca de 40 anos e também submetida a radioterapia para tratar uma recorrência local em cima da cicatriz operatória, ter deixado de manifestar qualquer prazer na vida, mesmo apesar de medicada a preceito pelo neurologista e pelo psiquiatra, ser incapaz de reter qualquer episódio na sua memória mais do que um exíguo segundo, ter um *pace-maker* implantado há anos para tratar um bloqueio aurículo-ventricular completo, diagnosticado aquando de uma indução anestésica, o que lhe diminui a hipótese de vir a ter um episódio de morte súbita, e que diz pretender deixar de comer e de beber, porque se sente enfartada ao fim de duas pequenas colheres ou de dois míseros goles de água, cospe os medicamentos porque diz que lhe sabem mal e tem vontade de vomitar se insistirem em dar-lhe mais alguma coisa, fará algum sentido persistir em alimentá-la e hidratá-la para além daquelas exíguas quantidades, pergunto?

Admitindo que haja quem defenda outra posição, a minha decisão já foi tomada, com a concordância do meu irmão Jorge e do meu colega Ricardo Marques que a assiste na Residência dos Professores onde se encontra desde há quase cinco anos, depois de ter estado a viver na minha casa mais de dois e após ter deixado a sua, onde viveu com razoável autonomia até aos 85 anos.

Estou muito tranquilo com o que sinto e decidi, porque esta é a derradeira prova de carinho e de amor que posso dispensar ao ser que me deu à luz, evitando, ao máximo, infringir-lhe um sofrimento injustificável, ainda que à custa de lhe abreviar, indiretamente, por algum tempo, uma morte que será a todos os títulos inevitável a curto prazo. Tal como o fiz ao meu pai, vítima de um tumor do pulmão, à minha sogra, vítima de uma neoplasia do colon, e, também, como relato no meu primeiro livro *“Ode ou Requiem”*, ao meu sogro, padecente de um gravíssimo enfisema pulmonar tabágico a que se sobrepôs uma pneumonia que deixou de responder aos antibióticos e à oxigenoterapia. Em todas estas circunstâncias, partilhei o silêncio com a solidária presença da Ana, de mão dada, a ouvirmos as últimas incursões respiratórias dos nossos entes queridos, tal como o pretendo fazer desta vez também.

Esta foi, pois, a forma que escolhi de homenagear a minha Mãe, servindo-me dos comentários alusivos que entendi tecer à obra do Jorge, pois, também ela amava as artes, em especial a literatura, a música e o teatro, imitando a sua adorada Amália Rodrigues como muito poucas

vozes de outras famosas cantoras, veia artística que transmitiu aos meus netos, que, sob a orientação da Joana, nos deliciam anualmente com uma pequena representação cénica na noite de Natal, tal como aconteceu este ano, só que, desta vez, sem a presença da sua bisavó.

Obrigado Jorge por contribuíres, ao teres-me “obrigado” a ler o teu livro agora, de forma decisiva, embora involuntária, para que eu tenha a paz interior necessária para enfrentar mais esta irreparável perda.

Podes contar sempre comigo.

Com um grande abraço de parabéns

O teu velho amigo e colega

Setúbal, 2023/10/14

José MD Poças

